

Uma resposta hedonista à objeção da máquina de experiências

Leandro Shigueo Araújo

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

O princípio utilitarista desenvolvido por Jeremy Bentham fundamenta-se na sujeição do homem à dor e ao prazer. De acordo com esse princípio, uma ação seria avaliada moralmente conforme a sua tendência em produzir prazer ou dor, considerando todos aqueles envolvidos na ação. Essa posição continua sendo discutida nos debates sobre ética e, mesmo que Bentham afirmasse ser esse o princípio da utilidade irrefutável, podemos encontrar problemas sérios em sua aplicação. Robert Nozick, por exemplo, foi um grande objetor dessa ideia, expôs um caso hipotético para mostrar a dificuldade de aceitarmos o prazer como critério único de avaliação das consequências de nossas ações. Neste trabalho, pretendemos defender o utilitarismo hedonista dessa objeção. Nessa defesa, consideraremos o hedonismo proposto por Bentham e desenvolvido por John Stuart Mill. Pensamos que o modo como este último desenvolve a noção de prazer nos fornece um meio de responder à objeção de Nozick. De acordo com isso, o trabalho será desenvolvido do seguinte modo: primeiramente, apresentaremos a concepção do princípio utilitarista de Bentham; posteriormente, exporemos a objeção de Nozick; na sequência, exporemos a nova abordagem de Stuart Mill no que concerne à questão dos prazeres; por fim, tentaremos responder à objeção.

Palavras-chave: Jeremy Bentham, Robert Nozick, John Stuart Mill, utilitarismo hedonista, máquina de experiências

Abstract

The utilitarian principle developed by Jeremy Bentham is based on man's subjection to pain and pleasure. According to this principle, an action would be morally evaluated as to its tendency to produce pleasure or pain, considering all those involved in the action. This position continues to be discussed in debates on ethics, and even if Bentham claimed to be irrefutable its principle of utility, we find serious problems in its application. Robert Nozick, for example, was a great objector to such an idea. He presented a hypothetical case to demonstrate the difficulty of accepting the pleasure as the unique criterion for evaluating the consequences of our actions. In this article I intend to defend utilitarianism against such objection. To do so, I consider the hedonism proposed by Bentham and developed by John S. Mill. I think that the notion of pleasure developed by the latter gives us a way to respond to Nozick's objection. Accordingly, this article will be developed as follows: first, I introduce the concept of the utilitarian principle of Bentham and, later, I expound Nozick's objection, further, I will explain the new approach Stuart Mill gives the question of pleasure, finally I will try to answer this objection.

Keywords: *Jeremy Bentham, Robert Nozick, John Stuart Mill, hedonistic utilitarianism, experience machine*

Introdução

O utilitarismo é demarcado no campo das éticas *teleológicas* ou do *consequencialistas*. Além do utilitarismo, podemos citar o egoísmo (normativo) e o altruísmo ético como exemplos de éticas teleológicas ou consequencialistas. Segundo essa concepção, o valor moral de uma ação ou regra estaria nas consequências que ela produz, por exemplo, se queremos saber o valor moral de matar alguém, temos de saber quais as consequências que essa ação trará para as pessoas envolvidas por ela; quais os benefícios ou prejuízos para os indivíduos envolvidos pela ação. Por outro lado, existem as éticas deontológicas que afirmam estar na própria ação o seu valor moral. Um exemplo desse tipo de ética é a teoria moral de Immanuel Kant: a ação “matar alguém” teria seu valor moral em si mesma, ou seja, independente do agente ou das consequências que essa ação produz. Existem também posições que defendem que o valor moral estaria no agente (ética das virtudes), independente da ação ou de suas consequências. Apesar de compartilharmos da posição consequencialista, não temos o intuito de aprofundar a discussão a favor de nossa posição neste artigo. O interesse nesse ponto é apenas situar de maneira correta o utilitarismo.

Segundo o princípio da utilidade, uma ação é correta quando tem como consequência a maximização da felicidade ou bem-estar, considerando imparcialmente os envolvidos pela ação. As variações do utilitarismo têm outro aspecto comum além do consequencialismo: a definição clara e consistente do conceito de felicidade ou bem-estar. O primeiro a se preocupar com essa definição foi Jeremy Bentham, que alegava que a felicidade deveria ser entendida como prazer ou ausência de dor, seriam estados mentais positivos. Devido a esses aspectos, o utilitarismo defendido por ele foi chamado de *hedonista* ou utilitarismo

da *concepção mentalista*¹. Além disso, existem também as concepções de felicidade como satisfação de desejos ou preferências e a concepção pluralista de felicidade.

A concepção hedonista de Bentham não parece apresentar problemas sérios a nossa intuição. Se afirmos sempre de modo que a nossa ação produza a maior soma de prazer, então estamos fazendo um bem, caso contrário, estamos a fazer um mal, seja o beneficiado um indivíduo, seja um número qualquer de pessoas ou mesmo toda a comunidade. Entretanto, a análise racional de alguns aspectos da tese de Bentham torna visíveis seus problemas que, por sua vez, acabam sendo suficientes para que se recuse a posição hedonista. Neste trabalho, gostaríamos de responder ao menos um desses problemas. Em *Anarquia, Estado e Utopia*, Robert Nozick apresenta o argumento que ficou conhecido como “a máquina de experiências”. Basicamente, o problema colocado por Nozick ao utilitarismo hedonista pode ser entendido do seguinte modo: maximizar o prazer nos levaria a um tipo de “ética suína”, na qual teríamos uma sociedade de porcos satisfeitos.

A objeção de Nozick à Bentham pode ser respondida, pelo menos, de dois modos. Uma primeira tentativa seria substituir a concepção hedonista de felicidade pela concepção da satisfação de interesses². Essa sugestão também possui alguns problemas, porém, devido ao foco de nosso trabalho, não será possível descrevê-los e desenvolvê-los aqui. Outra tentativa seria partirmos desta alternativa: o modo como John Stuart Mill desenvolve a questão dos prazeres fornecendo premissas para responder ao argumento de Nozick.

¹ Existem ainda outras concepções das quais não nos ocuparemos aqui.

² No utilitarismo de interesses defende-se que a ação correta não seria aquela que produz a maior quantidade de prazer, mas aquela que maximiza os interesses. Ver HARE, R. M. *Freedom and Reason*. Oxford: Clarendon Press, 1963. Ver também SINGER, P. *Ética Prática*. (1980) Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

A teoria de Jeremy Bentham

Em *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*, J. Bentham alega que todas as nossas ações, pensamentos e dizeres seriam guiados pelo prazer e/ou dor. As normas morais constituem as regras do nosso modo de agir e, por isso, também deveriam ser guiadas pelo prazer/dor. Bentham não desenvolve argumentos a favor dessa ideia. Pensamos que, apesar disso representar um problema para sua teoria, a submissão das ações humanas ao prazer e dor seria, para ele, intuitivamente demonstrável. Afirma ele, apenas, que qualquer tentativa de abjurar o domínio do prazer sobre nosso agir, seria um modo de confirmá-lo (BENTHAM, 1781, p. 14). Tentaremos mostrar que o modo superficial como Bentham desenvolve a questão traz sérios problemas para seu princípio da utilidade.

Bentham parte dessas ideias para fundamentar seu princípio da utilidade ou da maior felicidade. Para ele, há muitas objeções sobre a relação entre os termos “utilidade” e “maior felicidade”. Afirma que a expressão *maior felicidade* ressalta mais claramente a ideia de prazer e ausência de dor. Por isso, ao menos na exposição da teoria de Bentham, chamaremos o princípio da utilidade de princípio da maior felicidade. Conforme o princípio, uma ação é considerada moralmente correta quando tende a maximizar a felicidade do maior número de pessoas envolvidas pela ação. Assim, se temos de escolher uma entre duas ações, nosso dever seria escolher aquela que traz a maior soma de prazeres.

Um segundo ponto importante da teoria de Bentham seria o do cálculo ou método que o filósofo expõe para identificar o valor dos prazeres. O princípio da maior felicidade nos orientaria a agir e o cálculo nos ajudaria a dar o devido valor para cada prazer ou dor. Sem o cálculo, poderíamos não ser capazes de aplicar o princípio corretamente. Bentham expõe esse método para uma pessoa considerada em si mesmo, para um número qualquer de pessoas e para a comunidade em geral.

(BENTHAM 1948. p. 16 – 18.) Restringiremo-nos a expor a descrição do cálculo considerado por apenas um indivíduo. O valor de um prazer deve ser medido em quatro circunstâncias: sua *intensidade*; sua *duração*; sua *certeza* ou *incerteza*; sua *proximidade* no tempo. Se escolhermos entre duas ações, devemos saber qual terá maior valor segundo essas circunstâncias, por exemplo, se estamos incertos sobre ajudar pessoas necessitadas ou comprar um novo equipamento de som, devemos calcular o valor dos prazeres produzidos pelas duas ações sobre todos os indivíduos envolvidos. Aquela ação que produzir maior saldo líquido de prazer sobre os custos da ação e da dor (caso houver alguma) possui maior valor e, portanto, deve ser a escolha correta.

Postas, basicamente, as principais considerações sobre o utilitarismo de Bentham, podemos passar à objeção.

A objeção de Robert Nozick

Em *Anarquia, Estado e Utopia*, Robert Nozick expõe um caso hipotético contra o utilitarismo. O “caso da máquina de experiências”, como ficou conhecido, é exposto do seguinte modo:

Suponhamos que houvesse uma máquina de experiências que daria a você qualquer experiência que desejasse. Neuropsicólogos fora-de-série poderiam estimular-lhe o cérebro de modo que você pensasse e sentisse que estava escrevendo uma grande novela, fazendo um amigo ou lendo um livro interessante. Durante todo o tempo você

estaria flutuando em um tanque com eletrodos ligados ao cérebro. Deveria você conectar-se com essa por toda a sua vida, programando as experiências que teria enquanto vivesse? (NOZICK, 1974, p.58)

Nozick diz ainda que a pessoa poderia escolher e renovar qualquer das experiências. O sujeito que aderisse ao procedimento deixaria de saber que a experiência é falsa; ao ser ligado à máquina pensaria que todas as suas experiências estavam realmente acontecendo. O primeiro aspecto que pode ser retirado desse caso é que, se uma pessoa escolhe ligar-se a máquina, ela estaria preocupada apenas com suas experiências. O segundo aspecto é que essa mesma pessoa se tornaria indeterminada, grosso modo, perderia sua identidade. Não saberíamos se ela é destemida, inteligente etc. E, o terceiro aspecto talvez o mais importante é que a pessoa ligada à máquina se restringiria a viver uma realidade artificial, ou seja, uma ilusão. Como afirma Nozick, “o mais perturbador nelas é que vivem nossas vidas por nós” (p.60). Nesse sentido, perderíamos a nossa autonomia.

O problema direcionado ao utilitarismo hedonista seria que, se as pessoas agissem de acordo com ele, teríamos uma sociedade de “porcos satisfeitos”. A expressão “porcos satisfeitos” refere-se à preocupação demasiada que um hedonista dá às nossas experiências prazerosas. A preocupação em praticar ações que produzem prazeres seria tamanha que o modo como os prazeres seriam produzidos não importaria mesmo que fossem produzidos por ilusões. Em outras palavras, a concepção hedonista de Bentham falharia ao afirmar que a felicidade (como prazer e ausência de dor) seria o fundamento de todas as nossas ações.

O argumento de Nozick, então, pode ser posto como se segue: “se o hedonismo é verdadeiro, então seria melhor ligarmo-nos para sempre à máquina de experiências. Mas parece que não seria melhor nos ligarmos a máquinas de experiências porque desejamos uma vida real, portanto, o hedonismo parece ser falso”.

A teoria de John Stuart Mill

John S. Mill reconheceu que a questão da delimitação do conceito de prazer estava em aberto, mas isso não serviria para refutar a ideia de que o prazer e a ausência de dor seriam as únicas coisas desejáveis como fins. Como vimos com o argumento de Nozick, seria essa a questão que levaria a recusa ao menos da posição de Bentham. Todavia, antes da análise do argumento, gostaríamos de apresentar brevemente alguns pontos importantes da posição de Mill sobre o conceito de prazer e dor.

Assim como Bentham, Mill considera o conceito de felicidade equivalente ao prazer em si mesmo ou ausência de dor. Em *Utilitarianism*, ele defende uma posição sutilmente distinta da de Bentham:

O credo que aceita a utilidade ou o princípio da maior felicidade como a fundação da moral sustenta que as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade e erradas

conforme tendam a produzir o contrário da felicidade. (MILL, 1969, p. 187)

A sutileza da definição de Mill está em não afirmar nada em relação à maximização do prazer tal como Bentham afirmara. Parece banal e sem importância, mas essa nova definição não enfrenta tantos problemas como a de Bentham³, e as diferenças entre os filósofos não cessam aqui. Segundo Mill, se quisermos ter uma noção mais clara do padrão estabelecido pela teoria da utilidade seria preciso aprofundar na investigação sobre o prazer e a ausência de dor (felicidade).

Com essa ideia em mente, Mill acaba por defender uma distinção entre tipos de prazer: os superiores, provenientes das faculdades mais elevadas (prazeres intelectuais), e os inferiores, advindos dos apetites. Essa distinção seria relativa a uma circunstância que foge ao cálculo da utilidade de Bentham: a qualidade. Para Mill, seria tão importante relevar a qualidade dos prazeres quanto a quantidade. Ademais, o único modo para estabelecer o valor elevado dos prazeres mentais sobre os sensoriais seria na preferência daqueles (Mill os chama de juízes competentes) que experimentaram ambos os prazeres. Não há nenhuma autoridade nesse caso, ou seja, não haveria juízes colocados em pedestais que deveriam ser consultados caso houvesse necessidade de saber se um prazer é melhor que outro. Observe:

Poucos seres humanos consentiriam em se transformar em algum dos animais inferiores sob a promessa de gozar plenamente os prazeres animais, nenhum ser humano consentiria em ser um tolo, nenhuma pessoa instruída gostaria de

³ Ver CARVALHO, Maringoni de. M. John Stuart Mill: o utilitarismo reinventado. In: CARVALHO, M. C. M. de (Org.). *O utilitarismo em foco: um encontro com seus proponentes e críticos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. p. 76 – 77.

ser um néscio, nenhuma pessoa de sentimento e consciência desejaria ser egoísta e vil, embora pudesse se persuadir de que o tolo, o asno ou o velhaco estão mais satisfeitos com a sorte que lhes coube do que ela com o que tem. (MILL, p. 187)

O que Mill afirma é que, independentemente de qualquer obrigação moral, aqueles que experimentaram os dois tipos de prazer sempre optarão pelos mentais, independentemente da quantidade de prazer que os prazeres sensoriais possam proporcionar.

Resposta à objeção

Retornemos à exposição, pelo menos, da primeira premissa do argumento de Nozick: se o hedonismo é verdadeiro, então seria melhor ligarmo-nos para sempre à máquina de experiências. É essencial essa premissa que pretendemos inquirir e recusar.

Conforme as novas considerações de Stuart Mill, se temos de decidir entre duas ações, uma delas provindo dos apetites e a outra da intelectualidade, então, deveríamos escolher pela última. Os prazeres advindos desta seriam melhores em quantidade e qualidade.

Antes de continuar o raciocínio, vamos nos deter em uma breve questão que aparentemente não tem relação com o tema: o valor da realidade. Quando há dúvidas sobre um acontecimento, procuramos saber a verdade dos fatos. Muitas teorias (científicas, filosóficas etc.), que tentam descrever a realidade, surgem exatamente com a ânsia pela anulação da dúvida ou do engano de nossas crenças. Em um caso mais

simples, se estamos com dúvidas sobre nosso estado de saúde, provavelmente procuraremos por um médico e não nos satisfaríamos com conclusões enganosas. Pelo contrário, se o médico tendesse a promover tais ilusões, poderia dizer que ele estaria nos prejudicando. E, se os fatos fossem descritos corretamente, teria tal ação nos proporcionado felicidade? Certamente sim, pois poderíamos procurar por tratamento e nos curar. Alguém poderia contrapor-se a essa tese⁴, afirmando que, se a descoberta fosse de uma grave doença, sem possibilidades de cura, então a verdade nos traria sofrimento. Mas será que, se o médico nos desse um parecer ilusório não teríamos maior sofrimento com isso? Pensamos que sim. Mesmo que o caso fosse de uma doença grave sem possibilidades de cura, seria melhor descobri-la que viver na ilusão; enganando a si mesmo com a crença de uma vida saudável.

Pensemos em outro exemplo. Imagine que João chegue em casa do trabalho mais cedo e encontre sua mulher com um amante. A descoberta traz um grande sofrimento a João que tem duas alternativas: ou deixa a mulher, ou finge que nada ocorreu. Imagine agora que João escolha a segunda alternativa, mas com um agravante: sua mulher continua a lhe traí-lo. Será que viver a ilusão de um relacionamento estável traria mais felicidade que a vida real? Como afirma Desidério Murcho (2006), “o mal é que se trata de uma fantasia; a realidade tem valor em si, por mais desagradável que seja; viver uma vida de sonho, mesmo que subjetivamente cheia de felicidade, é uma vida sem qualquer sentido porque não tem valor de um ponto de vista objetivo; a objetividade é um valor crucial” (p.13). O valor de um prazer ilusório não parece superar o de uma vida real. Isso não quer dizer que as pessoas *preferem* escolher sempre a vida real, mas que deveriam escolhê-la. O utilitarismo não é uma teoria descritivista, mas normativa, ou seja,

⁴ Pensamos que a relação entre a verdade (realidade) e a felicidade constitui o ponto mais intrigante e desafiador.

não está preocupado em nos informar o *modo* como agimos, mas como *devemos* agir.

Pois bem, voltando ao nosso raciocínio, se as ações qualitativamente intelectuais trazem maior felicidade que os apetites e se descobrir a verdade constitui uma ação de qualidade intelectual, então descobrir a verdade nos traz felicidade. Sendo assim, o hedonismo (ao menos conforme Stuart Mill) pode ser verdadeiro e não aceitar que seria melhor vivermos ligados à máquina de prazeres. A possibilidade de viver com prazeres reais anula essa ideia. Dois pontos precisam ser notados: primeiro, o sentido que damos para a expressão “prazeres reais” precisa ser esclarecido, mesmo porque alguém poderia afirmar que os prazeres na máquina de experiências não são ilusórios, apenas as supostas fontes deles. Por exemplo, se na máquina escolhemos a ilusão de desfrutar de comidas suculentas, então temos um prazer muito grande e real, mas o problema é que o fato de nós desfrutarmos de comidas suculentas é uma ilusão. Na verdade, a fonte de meu prazer (real) é a máquina. Outro exemplo: quando sonhamos que uma linda mulher está nos seduzindo, temos prazer real. Poderíamos até mesmo afirmar que “nunca tivemos um sonho tão prazeroso”, mas tal mulher é apenas uma ilusão. Por isso, vale lembrar que o sentido que damos para as expressões “prazeres reais” e “prazeres ilusórios” é “prazeres reais advindos de fontes reais” e “prazeres reais advindos de fontes ilusórias”, respectivamente. O segundo ponto a ser notado é que, mesmo que haja prazeres ilusórios, eles não precisam ser descartados, mas apenas comparados com prazeres reais. Se fossem abandonados, a tese de que a felicidade constitui o fundamento das ações humanas teria de ser reformulada: apenas alguns tipos de prazeres seriam desejáveis. Se o utilitarismo hedonista defende a maximização da felicidade e se os prazeres reais possuem maiores valores que os prazeres ilusórios, então, nosso dever seria procurar pelos primeiros. A preferência pelos prazeres superiores não parece ser considerada por Nozick. Ao menos seu argumento da máquina de experiências não alega que exista uma distinção de valor de prazeres.

Portanto, o argumento contra Nozick pode ser exposto do seguinte modo: se o hedonismo de Mill é correto, então o valor dos prazeres reais deve ser maior que o valor dos prazeres ilusórios. De acordo com o argumento da máquina de experiências, temos de concordar que o hedonismo aceita uma equivalência entre os valores dos prazeres ilusórios e dos prazeres reais. Logo, o argumento da máquina de experiências não funciona contra o hedonismo de Mill.

Considerações finais

Como foi visto, nosso objetivo neste artigo foi tentar fornecer uma resposta à objeção de Nozick ao utilitarismo hedonista. Para tal, fundamentamos essa resposta em J. S. Mill, considerando-o como um partidário do hedonismo. Partimos da ideia de que Nozick consegue dar boas razões para recusarmos a proposta de Bentham (ao menos parte dela), mas não a de Mill. Tentamos, além disso, escapar dos psicologismos evitando descrever o modo como as pessoas agem ou o que as deixam felizes. Ressaltamos a ideia de que o utilitarismo é uma teoria normativa e, como tal, se preocupa em fornecer um padrão para o nosso dever moral e não se preocupa com meras descrições do agir humano.

Pois bem, observamos que o argumento de Nozick conseguia atacar Bentham porque a exposição deste sobre o princípio da utilidade não conseguiria dar conta de alguns casos em que as alternativas que deveriam ser aceitas como corretas pareciam bizarras. Relembrando, o argumento de Nozick dizia que, se o hedonismo é verdadeiro, então seria melhor ligarmo-nos para sempre à máquina de experiências. Mas parece que não queremos nos ligar a ela porque queremos continuar a ter uma vida real, portanto, o hedonismo parece ser falso. Por que seria melhor nos ligarmos a máquinas? Porque se o que vale é uma vida

prazerosa e, se a máquina permite isso, mesmo que de forma ilusória, então deveríamos escolher nos ligar a ela.

Todavia, foi visto como Mill expõe uma distinção qualitativa entre os prazeres que parece não ter sido considerada por Nozick. E, com essa nova circunstância, construímos o seguinte argumento contra Nozick: se o hedonismo de Mill é correto, então o valor dos prazeres reais deve ser maior que o valor dos prazeres ilusórios. De acordo com o argumento da máquina de experiências, temos de concordar que o hedonismo aceita uma equivalência entre os valores dos prazeres ilusórios e dos prazeres reais. Logo, o argumento da máquina de experiências não funciona contra o hedonismo de Mill.

Referências

BENTHAM, Jeremy. (1781) *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. Trad. de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção Os Pensadores).

CARVALHO, M. C. Maringoni de. (Org.). *O utilitarismo em foco: um encontro com seus proponentes e críticos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

COSTA, C. F. (2002) Razões para o utilitarismo: uma avaliação comparativa de pontos de vista éticos. In: *Revista Ethic@*. Florianópolis v.1 n.2, 2002, p.155 – 174. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/ethic@/ethic12.html>>. Acesso em: 08/2010.

GALVÃO, Pedro. (2003) *A teoria utilitarista de J. S. Mill: uma caracterização*. Trólei: Revista de Filosofia Moral e Política. Disponível: http://www.spfil.pt/trolei/tr01_galvao1.htm. Acesso em: 04/12/2010.

HARE, R. M. *Freedom and Reason*. Oxford: Clarendon Press, 1963.

MILL, John Stuart. (1969) *A liberdade / utilitarismo*. Trad. de Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MURCHO, D. *Pensar Outra Vez: Filosofia, Valor e Verdade*. Vila Nova de Famalicão: Edições Quase, 2006, p.15 – 30.

NOZICK, Robert. (1974) *Anarquia, estado e utopia*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SAHD, L. F. N. A. E. S. (Org.); Oliveira, M. (Org.); Aguiar, O. A. (Org.). *Filosofia política contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

SINGER, P. *Ética prática*. (1980) Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SHAW, William H. (1999) *Contemporary ethics: taking account of utilitarianism*. Massachusetts: Blackwell.

SMART, J. J. C.; WILLIAMS, B. (1973) *Utilitarianism for and Against*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.